



Uma Igreja sinodal:
comunhão,
participação
e missão

"Maria pôs-se a caminho"



Missas do Parto.2021



Temas para o novenário das Missas do Parto.

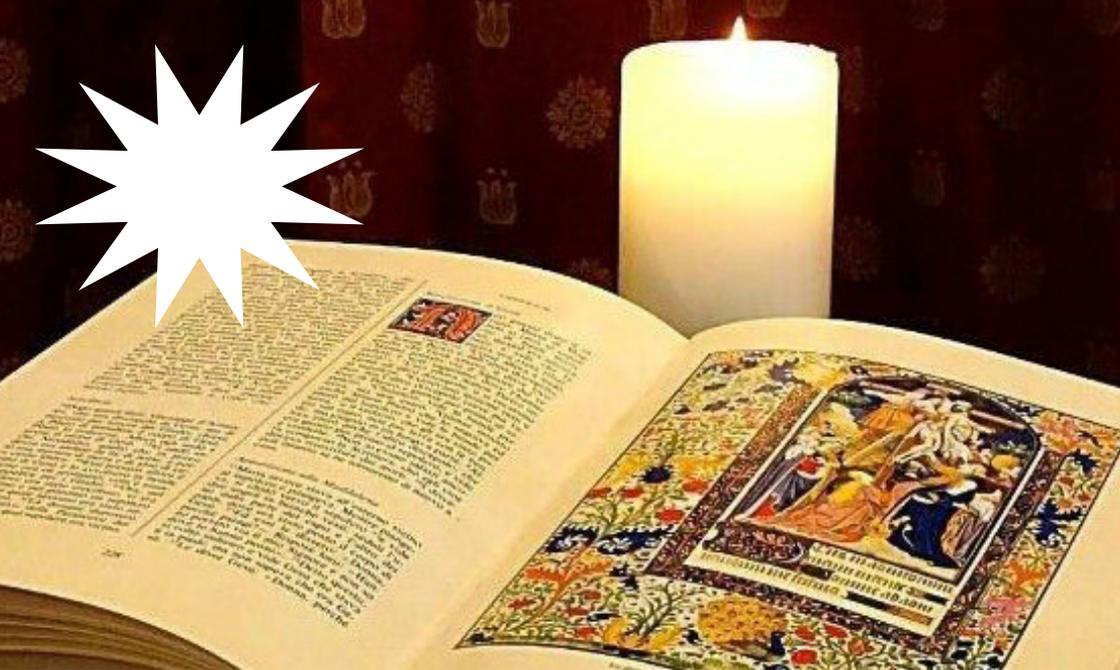
- | | | |
|----------------|----|--|
| * 15 /dezembro | 6 | Jesus faz caminho connosco. Ele é o caminho |
| * 16 /dezembro | 10 | «Alarga o espaço da tua tenda»: Partilhar a responsabilidade duma missão comum |
| * 17 /dezembro | 15 | Chamados e reunidos numa família: Autoridade e participação |
| * 18 /dezembro | 20 | O Senhor faz sair e regressar o seu povo. Páscoa e comunhão: Com quem caminhamos? |
| * 19 /dezembro | 25 | Pôr-se a caminho, com Maria. A alegria do encontro: diálogo e partilha |
| * 20 /dezembro | 29 | Atentos para escutar os sinais de Deus como desafios à fé vivida na Igreja: saber escutar |
| * 21 /dezembro | 32 | O encontro renovado com Cristo, o «amado», nova Primavera para a Igreja: discernimento e decisão |
| * 22 /dezembro | 37 | A oração que nos reúne, dispões-nos para a escuta da Palavra e uns dos outros: Celebrar juntos para caminhar com confiança |
| * 23 /dezembro | 42 | A conversão que abre o nosso caminho conjunto e nos faz testemunhas do perdão |

Introdução.

À semelhança dos anos anteriores, a equipa de Coordenação Pastoral da Diocese do Funchal propõe, mais uma vez, algumas sugestões para as homilias das Missas do Parto tendo em conta o plano pastoral em curso.

4

A Palavra de Deus caminha connosco como companhia fiel e fonte de esperança neste tempo de preparação para o Natal. Ela é como um canto a várias vozes, pois Deus pronuncia-a no decurso duma longa história e através duma diversidade de anunciadores até que ela se concentre e se abrevie, como diziam os antigos, no Verbo feito carne. O Filho de Deus percorre o caminho da nossa humanidade desde o princípio até à meta da sua última vinda, reunindo-nos numa família e partilhando connosco a vida de Deus. É sempre como Igreja que caminhamos, movidos pelo Espírito Santo que constantemente faz germinar os seus sinais no meio de nós. As meditações que agora são apresentadas têm por única finalidade ajudar a entrar na realidade sempre nova do amor de Deus na nossa vida, amor que é dom, encontro, caminho de fraternidade. O próximo Sínodo de 2023 lembra-nos,



com o tema da sinodalidade, a condição comum do ser cristão. Dar hospedagem à Palavra de Deus significa, ao mesmo tempo, dar um testemunho de verdadeira humanidade, acolhendo o outro como um irmão à maneira de Maria, serva e portadora do Filho no encontro com a sua prima Isabel.

Este trabalho foi realizado com a colaboração do Cônego Vítor dos Reis Franco Gomes e das Irmãs Missionárias da Verbum Dei e com a coordenação do Secretariado Diocesano de Pastoral.

A todos os Párocos e suas Comunidades desejamos um Santo e Feliz

Natal cheio de paz e amor.

* 15 de dezembro

Jesus faz caminho connosco. Ele é o Caminho.

Primeira leitura – Isaías 45, 6b-8.18.21b-25

Salmo – 84, 9ab-10.11-12.13-14

Evangelho – Lucas 7, 19-23



«Eu sou o Senhor e não há outro»

Iniciamos este tempo de preparação para o Natal com a consciência de que Jesus caminha conosco, não apenas como um companheiro de jornada mas como um hóspede do nosso coração. Nesta hospedagem nós temos uma palavra a dizer para que o Senhor trace o seu caminho no nosso caminho e assim nos abra à esperança. Tomemos consciência das escolhas necessárias que unem sempre a palavra e a vida. Ninguém se aproxima com verdade de Jesus que não saia transformado do encontro com Ele. A primeira escolha determina e inspira todas as outras. Lembremo-nos do que diz o Senhor através do profeta Isaías: «Eu sou o Senhor e não há outro». Estas palavras aparecem como um refrão no anúncio de Isaías. Até nos podemos perguntar porque será necessário repeti-las tantas vezes, como para vincar bem a sua exclusividade. Elas fazem memória da Aliança: «O Senhor nosso Deus é o único Senhor, Amarás o Senhor teu Deus». O coração impenitente do povo de Israel, como o nosso, não cessa de andar à busca de outros deuses. O próprio «eu» é o pior ídolo que se coloca como referência única do mundo e exige sacrifícios repetidos. Sacrifica-se a liberdade quando nos apegamos indevidamente às coisas e até às pessoas. Tudo se faz para manter o nome, sustentar a importância, para honrar a aparência. O P. António Vieira, num dos seus sermões da Quaresma (de 1655), compara os malefícios da idolatria às mordeduras das serpentes, quando os hebreus caminhavam no deserto. Ele diz: «Todos nesta vida andais mordidos: uns mordidos do fazer-se valer, outros mordidos da am-

**Ninguém se aproxima com verdade de
Jesus que não saia transformado...**

bição, outros mordidos da honra, outros mordidos da inveja, outros mordidos do interesse, outros mordidos da afeição; enfim, todos mordidos. Pois que remédio para sarar destas mordeduras do mundo? Pôr o mesmo mundo diante dos olhos e olhar bem para ele». A coragem deste olhar de frente, sem medo, para o mundo, vem-nos da escolha feita de dar a Deus e a Jesus Cristo todo o lugar na nossa vida. É uma escolha exclusiva mas que transforma todas as outras e nos livra da «mordedura» da idolatria. Como o profeta, pedimos a Deus que derrame o orvalho do alto, o orvalho da sua Palavra e que a terra se abra para fazer germinar a salvação. Olhar bem para o mundo, significa que não nos deixamos vencer pelo pessimismo, mas estamos vigilantes porque o Senhor continua a enviar a sua salvação, isto é, o seu próprio Filho, aonde nós muitas vezes não esperamos. Ele fecunda a terra sem cessar e faz crescer a nova criação que é o seu próprio Reino. Porque no Senhor estão «a justiça e a fortaleza», não há terra árida que não se deixe fecundar. Não há deserto que não se possa transformar em terra fértil. Deus salva porque Ele é Senhor da luz e das trevas. A sua Palavra toca no mais profundo da terra, sobretudo nas trevas do coração. Ele é luz e caminho, um caminho que nunca se faz só, mas em conjunto, em família. O tempo do Advento é propício para reconstruir este espírito de família quando ele corre o risco de desaparecer, tempo de partilha e de fraternidade, tempo de aprofundamento conjunto na oração comum, unidos a Jesus Cristo que se faz para nós caminho.

«Ide contar a João o que vistes e ouvistes

O caminho conjunto – sinodal – que o Papa Francisco nos propõe começa sempre com a disponibilidade para a conversão. Os ídolos prendem-nos a nós mesmos e

impedem-nos de olhar de frente os desafios do mundo em que vivemos. Adormecem a vigilância, tão necessária no nosso tempo e já tão importante no tempo de João Batista. Interrogado por tudo o que ia ouvindo dizer de Jesus, ele manda até Ele alguns discípulos para lhe fazerem a seguinte pergunta: «És tu Aquele que havia de vir ou devemos esperar outro?». João Batista quer perceber se, na verdade, Jesus é o cumprimento da Aliança de Deus, se Ele é o caminho ou se há outro(s). Não se contenta por saber que há mais um profeta como ele, mais um caminho para chegar a Deus. A sua pergunta é radical: És tu o caminho? És tu a meta da missão dos profetas? És tu a Palavra a que os profetas foram fiéis porque descobriram o seu dinamismo na história de Israel?

Jesus dá aos discípulos de João Batista uma resposta de algum modo indireta. Não lhes declara formalmente a sua identidade, mas convida-os a fazer caminho e, primeiramente, a estarem atentos, vigilantes: «Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêm, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho». Isto significa um apelo a fazer memória, de modo a suscitar a gratidão e, por fim, a seguir o Mestre. Jesus propõe-se a nós como o caminho que se faz caminhando, unidos na memória da sua Páscoa na nossa vida, gratos pelos dons recebidos e empenhados a transmiti-los como testemunhas do que vimos e ouvimos.

Tomemos consciência de que não basta dizer: Eu acredito em Deus. A escolha decisiva é a de encontrar-se com Jesus como sentido último da nossa vida e, convertendo-nos a Ele, caminhar em conjunto como família que Ele reúne e que se renova na fidelidade do seu amor até ao fim.

***16 de dezembro**

"Alarga o espaço da tua tenda": Partilhar a responsabilidade da **missão comum.**

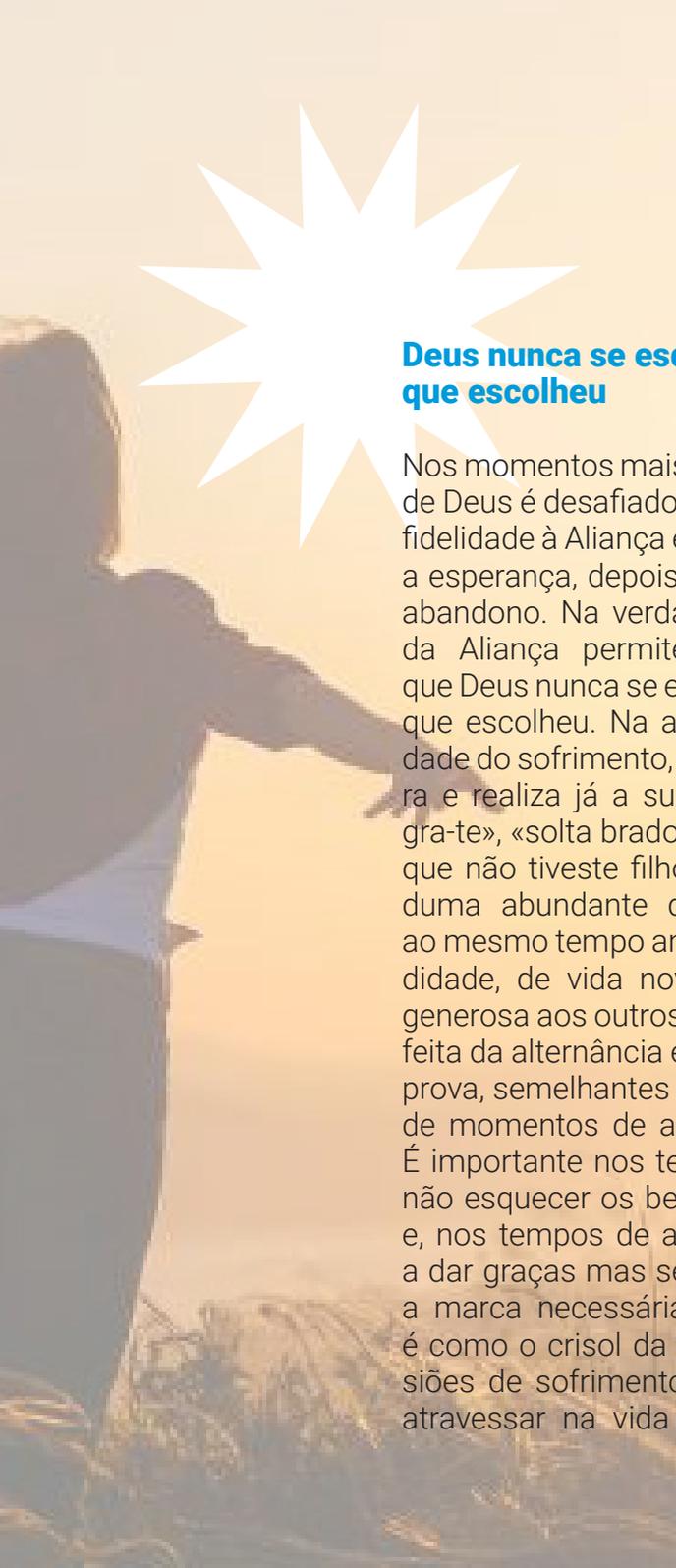
10

Primeira leitura - Isaías 54, 1-10

Salmo – 29, 2.4-6.11-12a.13b

Evangelho – Lucas 7, 19-23





Deus nunca se esquece do povo que escolheu

Nos momentos mais difíceis, o povo de Deus é desafiado a renovar a sua fidelidade à Aliança e assim renasce a esperança, depois dum tempo de abandono. Na verdade, a memória da Aliança permite compreender que Deus nunca se esquece do povo que escolheu. Na aparente esterilidade do sofrimento, o Senhor prepara e realiza já a sua Aliança. «Alegra-te», «solta brados de alegria», tu que não tiveste filhos. A promessa duma abundante descendência é ao mesmo tempo anúncio de fecundidade, de vida nova, de abertura generosa aos outros. A vida é assim feita da alternância entre tempos de prova, semelhantes à infertilidade, e de momentos de alegria, de festa. É importante nos tempos da prova não esquecer os benefícios divinos e, nos tempos de alegria, aprender a dar graças mas sem deixar longe a marca necessária da prova que é como o crisol da alegria. As ocasiões de sofrimento que podemos atravessar na vida são elas mes-

mas um desafio que nos é colocado: ou nos fechamos em nós mesmos e, permanecendo assim, tarde ou cedo, ficamos ainda mais doentes; ou saímos de nós mesmos, com a convicção de que Deus nos precede neste dom e nos ensina a amar como Ele, dando a vida. Ele é o Esposo que renova a sua aliança com a esposa, isto é, o seu povo infiel. Ele é o redentor que tira o seu povo da miséria em que se afundou pela multiplicação dos seus males. «Por um momento abandonei-te, mas no meu grande amor volto a chamar-te». Quem nunca sentiu a prova deste abandono, também não pode viver a alegria deste amor renovado, incansável, permanente, fiel. O próprio abandono não teria sentido senão suportado por este amor silencioso mas fiel. Quem, olhando para trás na sua vida, não é capaz de reconhecer estes momentos vividos na fé que seriam completamente desesperantes se ela não existisse? A alegria da fé é sempre a de ser salvo pela Palavra de Deus e é a esta alegria que somos chamados neste tempo de preparação próxima para o Natal. A vida é feita de tempos de passagem – de Páscoa – nos quais Deus caminha connosco e, de cada vez, nos ensina a sermos generosos e a transmitirmos os dons que recebemos. O que o profeta Isaías anunciou foi aquilo mesmo que ele viveu a partir da palavra de confiança que Deus lhe dirigiu: «Ainda que sejam abaladas as montanhas e vacilem as colinas, a minha misericórdia não te abandonará, a minha aliança de paz não vacilará».

A Igreja é como uma tenda, vasta como o mundo

A confiança que recebemos de Deus e na qual vivemos, também nos leva ao encontro dos outros. O que foi para nós decisivo, isto é, a passagem de Deus na nossa vida, nós não a podemos calar. Deus salva-nos inserindo-nos sempre numa família e fazendo dela uma força e um

apoio para irmos ao encontro dos outros e lhes propormos uma nova fraternidade ancorada no seu amor. Assim compreendemos o entusiasmo do profeta quando exorta Israel a alargar as dimensões da sua morada: «Alarga o espaço da tua tenda, sem olhar a despesas, estende sem medo as cortinas das tuas moradas; alonga as cordas, reforça as estacas, porque vais expandir-te para a direita e para a esquerda». A Igreja é como uma tenda, vasta como o mundo, mas sempre em alargamento do seu espaço porque todos somos enviados a anunciar o Evangelho, como diz o documento preparatório para o próximo sínodo dos bispos: « A ação de evangelização e a mensagem da salvação não seriam compreensíveis sem a abertura constante de Jesus ao interlocutor mais vasto possível, que os Evangelhos indicam como a multidão, ou seja, o conjunto de pessoas que o seguem ao longo do caminho [...] o anúncio evangélico não se dirige unicamente a poucos iluminados ou escolhidos. O interlocutor de Jesus é o ‘povo’ da vida comum, o ‘qualquer um’ que Ele coloca diretamente em contato com o dom de Deus e o chamado à salvação» (nº 18).

No Evangelho, o dom de Deus exprime-se na mensagem e na pessoa de João Batista. Jesus dirige-se à multidão para perguntar-lhes: «Que fostes ver ao deserto?» Suscita nos que o ouvem a pergunta pela aspiração que os leva a João, desejo de plenitude e de sentido para a vida, de encontro com Deus e uns com os outros. João não é apenas um pregador mas aquele que vive segundo

"O interlocutor de Jesus é o ‘povo’ da vida comum, o ‘qualquer um’ ..."

a palavra que anuncia. O batismo que administra não é mais um rito de água entre os muitos que existiam no tempo, uma purificação exterior, mas um momento em que se confirma o arrependimento e a conversão pessoal. Ele é o mensageiro que o Senhor envia à frente do seu povo para reuni-lo e prepará-lo para a chegada do Messias. A missão de João Batista é, ao mesmo tempo, necessária e transitória. É necessária porque não se pode acolher o Messias sem conversão de vida. É transitória porque a meta é o Reino de Deus no qual se entra pela conversão mas que está, para além dela, na plena humanidade que Deus nos restitui em comunhão com ele. Assim, «o mais pequeno no Reino de Deus é maior do que Ele». A meta do Evangelho é a de entrar neste reino novo, seguindo Jesus. João Batista entrou neste Reino, nesta família com as dimensões do mundo, unida a Jesus. A ele foi feita a proposta de alargar o espaço da sua tenda, do seu coração para receber nele todos os que acreditam em Jesus e se tornam cidadãos do Reino novo.

Com João Batista, nós caminhamos juntos e recebemos a missão de sermos testemunhas do Reino de Deus presente em Jesus. Sentimo-nos de verdade responsáveis da missão de levar Jesus Cristo a todos? Percebemos que a missão da Igreja é a de ser testemunha deste Reino, acolhendo e promovendo a diversidade dos dons de cada um? Mantemos a abertura de espírito para ir ao encontro de outros e convidá-los a fazer parte da família que é a Igreja?

* 17 de dezembro

Chamados e reunidos numa família: Autoridade e participação.

2021

Primeira leitura - Gênesis 49, 2.8-10

Salmo - 71, 2-4.7-8.17

Evangelho - Mateus 1, 1-17



Convocados pela Palavra do Pai

A leitura do livro do Génesis insere-se no contexto duma reunião de família. O pai – Jacob – «chamou os filhos e disse-lhes: 'Reuni-vos e escutai, filhos de Jacob. Escutai Israel, vosso pai». É o pai que convoca os filhos no fim da sua vida. Estes reúnem-se e dispõem-se a escutar a palavra do Pai. O que constrói a unidade é o chamamento do pai mas isso não dispensa o esforço dos filhos para se congregarem à volta do pai. A autoridade do pai é fator de unidade e a escuta da sua palavra é a expressão concreta desta unidade. Para cada um dos filhos, Jacob tem uma palavra apropriada que é como um testamento. Ele considera a diversidade dos dons dos filhos e a partir daí esboça, como numa profecia, o que será o futuro de cada um deles. A escuta da palavra do pai não está, portanto, virada para o passado. Não se trata de receber uma herança mas de abrir um horizonte ou, antes, de perceber que a verdadeira herança é aquela que abre um horizonte de esperança e de confiança. Também a Igreja que, como família, vive e caminha em conjunto é convocada e reunida pela Palavra do Pai, dispondo-se a escutá-la e a testemunhá-la. A convocação de Deus realiza a unidade dos filhos numa única família. A diversidade dos seus dons é para ser vivida como um serviço que enriquece a comunhão e promove a participação de todos. A autoridade com a qual Deus fala está ao serviço da liberdade dos filhos. Faz-nos crescer em humanidade. Ensina a ser corresponsável na missão comum de levar o Evangelho a todos os povos da terra.

16

"Maria pôs-se a caminho"

Na Igreja toda a autoridade destina-se a fazer crescer o povo de Deus na diversidade dos seus dons

Entre os seus filhos, Jacob mostra uma preferência em relação a Judá, a quem chama de «leão novo», não só pela sua força e coragem, mas sobretudo pela sua fidelidade. De facto, da tribo de Judá nasceu o Rei David e, da sua descendência, o próprio Jesus, Aquele a quem pertence a realeza e a quem os povos hão-de obedecer. É admirável o modo como Jacob vê claro quanto ao futuro dos filhos. Nas palavras que dirige a cada filho não há traça de rivalidade nem motivo para confronto entre os filhos. Cada um recebe do pai um incentivo para ser ele mesmo e, a partir daí, para continuar a viver numa única família.

Na autoridade de Jacob que reúne os filhos, podemos tirar um exemplo para compreender que na Igreja toda a autoridade destina-se a fazer crescer o povo de Deus na diversidade dos seus dons, na atenção aos sinais dos tempos e ao modo como o Espírito Santo age e desperta novas formas de viver a fé e de testemunhá-la aos outros.

Deus escolhe homens e mulheres justos e pecadores

A genealogia de Jesus segundo S. Mateus confirma uma vez mais que a Palavra de Deus desce do céu mas germina da terra. Na continuidade da genealogia nós temos a prova da fidelidade de Deus à sua Aliança. Uma fidelidade que suscita a resposta humana e a constrói na paciência e na misericórdia. S. Mateus remonta a Abraão e a partir dele apresenta uma genealogia construída de forma orgânica em referência às diferentes etapas da história do povo de Deus: de Abraão a David, de David ao exílio da Babilónia, do exílio até Jesus. A contagem das gerações é idêntica em cada um dos três

momentos. Em cada fase da história de Israel contam-se catorze gerações e, na totalidade, quarenta e duas. Há assim, da parte do evangelista, o desígnio de mostrar a unidade da história da salvação na diversidade dos seus momentos e dos ascendentes de Jesus. Entre eles contam-se quatro mulheres, o que destoa das genealogias tradicionais nas quais a ascendência é masculina: Tamar, Raab, Rute, a mulher de Urias. A história bíblica destas mulheres mostra que Deus escolhe homens e mulheres justos e pecadores, mesmo no exterior do seu povo, como Rute, a moabita, para conduzir a termo a promessa feita a Abraão. Não faz acepção de pessoas e a todos chama a participar no mesmo caminho que conduz ao limiar do Evangelho. A autoridade própria da genealogia é construída a partir desta participação comum que é obra de Deus.

18

S. Mateus compreende, no entanto, a ruptura entre a sequência das gerações e a novidade do nascimento de Jesus, quando afirma: «Jacob gerou José, esposo de Maria, da qual nasceu Jesus». Dá a entender que, por ser Filho de Deus, Jesus escapa à continuidade das gerações. É Ele que as reúne como uma grande família precisamente porque a sua Palavra é nova. Ela é mesmo a novidade por excelência porque é o mesmo Deus que se faz Deus conosco realizando definitivamente a sua Aliança. A resposta da fé faz-se na obediência da escuta a esta Palavra que constrói uma única família e integra a participação e a missão de todos. A autoridade da genealogia deve compreender-se a partir do seu termo em Jesus. Ele resume a

**Deus a todos chama a participar no
mesmo caminho que conduz ao limiar do
Evangelho**



diversidade das gerações como a meta para a qual caminham e na qual todas participam, acolhendo, à sua maneira, o dom de Deus.

Nas leituras de hoje, nós temos o exemplo de como é na Igreja como família de Deus que se compreende a relação construtiva entre a autoridade da Palavra de Deus, guardada e transmitida pelo ministério dos Apóstolos e seus sucessores, e a participação de todos graças aos dons do Espírito Santo destinados à comunhão. Temos, no entanto, de ser vigilantes e de perguntar-nos se a autoridade é exercida como um serviço para fazer crescer a comunidade e se a participação é resposta ao dom de Deus manifestada no testemunho duma vida transformada pelo Evangelho.

***18 de dezembro**

O Senhor faz sair e regressar o seu povo. Páscoa e comunhão: **Com quem caminhamos?**

20

Primeira leitura – Jer. 23, 5-8

Salmo – 71, 2.12-13.18-19

Evangelho – Mt 1, 18-25

"Maria pôs-se a caminhar"





A busca da justiça

«Nos dias do Senhor, nascerá a justiça e a paz para sempre», diz o salmista. Há nesta expressão da fé a marca da história e da esperança que ela suscita, mesmo quando se constata as inúmeras injustiças de todos os dias. A grande coragem do profeta Jeremias não é a de lamentar-se sobre os males da injustiça no seu tempo, nem mesmo a de os denunciar vigorosamente. Ela reside antes de mais na esperança de que Deus não se deixa vencer pelas injustiças dos homens mas prepara «um rebento justo» nos dias que hão-de vir. A busca da justiça é uma das aspirações humanas mais fundamentais. Ela resulta da pergunta pelo sentido da vida e pelas razões de viver. Esta busca questiona o sentido de tudo o que é humano na relação ao que é mais alto do que ele e que se revela na procura de



Deus e dos autênticos valores humanos; na relação consigo mesmo como aspiração à felicidade, com os outros e finalmente com a própria natureza que surge como uma oportunidade e um desafio. A justiça é portanto como o «meio vital» no qual se aprende a viver em relação, em comunicação. Procura-se a justiça, apreciando o que é justo e não apenas denunciando as injustiças. Mesmo se o profeta Jeremias fala no futuro quando anuncia um rebento justo da linhagem de David, ele não desvaloriza o presente. É certo que sabe ver nele as injustiças que os reis de Israel não cessaram de cometer e que levaram o seu povo à ruína e à pobreza, ao ponto de ser expulso da sua terra. No entanto, sabe ver na história os sinais da justiça de Deus prontos a serem renovados. São sinais de salvação, de Páscoa: «Vive o Senhor, que fez sair e regressar os descendentes da casa de Israel da região do norte e de todos os países em que os tinha dispersado, para poderem habitar na sua própria terra». Com base no passado da libertação do jugo do Egito e da experiência

do Êxodo, Jeremias pressente uma nova Páscoa: o exílio de Babilónia e o retorno dos exilados a Israel. Assim, Deus revela já hoje a sua justiça na medida em que promete fazer viver Israel em segurança e em paz. Ele vence a injustiça quando se lembra do seu povo e perdoa as suas infidelidades fazendo-o regressar em paz para a sua terra. Há que deixar-se guiar para perceber que os impasses da vida não são becos sem saída mas uma páscoa continuada.

A busca da justiça requer a consciência permanente da ação do Espírito Santo na história para fazer dos nossos impasses caminhos de Páscoa. Como refere o documento preparatório para o Sínodo dos bispos: «A despeito das nossas infidelidades, o Espírito continua a agir na história e a manifestar o seu poder vivificante. É precisamente nos sulcos cavados pelos sofrimentos de todos os tipos, suportados pela família humana e pelo Povo de Deus, que florescem novas linguagens de fé e renovados percursos, capazes não apenas de interpretar os acontecimentos dum ponto de vista teológico, mas de encontrar na provação as razões para voltar a fundar o caminho da vida cristã e eclesial». Neste modo novo de olhar para a história, o profeta Jeremias é para nós um precursor.

Fidelidade de São José

A prova a que S. José se vê confrontado com a gravidez inexplicada da sua noiva coloca-o face ao desafio

Procura-se a justiça, apreciando o que é justo e não apenas denunciando as injustiças.

da justiça. Aliás, S. Mateus chama-o de «homem justo», cumpridor da lei e fiel à Palavra de Deus. O tempo do repúdio em silêncio é também o tempo da humildade e da paciência. A fidelidade é a atitude fundamental de quem não desiste de esperar, como José. Na verdade, Deus responde-lhe, num sonho, através do seu anjo que o convida a não ter medo de receber Maria. O que nela foi gerado é obra do Espírito Santo. A espera de José foi na verdade providencial, uma experiência noturna de perplexidade mas atravessada pela luz da esperança. O nome que ele é chamado a dar ao Filho é já o reconhecimento da sua missão. Jesus é o dom de Deus que salva. Ao receber com fé as palavras do anjo, José renuncia à paternidade biológica mas não à paternidade espiritual. Ele deverá cuidar da educação de Jesus como um pai que ama o seu filho. O «sim» da sua fé reforça a sua paternidade espiritual e faz dela uma forma autêntica de dom da vida, uma missão a exercer em relação a Jesus.

Como para Maria, o «não temas» do anjo foi decisivo para José. Transformou a prova da sua perplexidade em experiência de Páscoa. Consolidou a comunhão na família. Fortaleceu o caminho conjunto, sobretudo quando foi preciso enfrentar a inveja de Herodes e fugir para o Egito.

A comunhão na Igreja é uma participação na Páscoa de Jesus através da conversão pessoal. Quando fazemos um caminho conjunto também aprendemos a escutar, como S. José, o que Deus nos diz, a discernir em comunidade, a agir em comunhão. Com quem fazemos a experiência deste caminho na Igreja? Sabemos aceitar as diferenças uns dos outros? Somos pacientes para escutar-nos uns aos outros e nos deixarmos alimentar da Palavra de Deus, o Evangelho de Jesus?

* 19 de dezembro

Pôr-se a caminho com Maria. A alegria do encontro: **Diálogo e partilha.**

2021

Primeira leitura – Miqueias 5, 1-4a
Salmo – 79, 2ac.3b.15-16.18-19
Segunda leitura – Hebreus 10, 5-10
Evangelho Lc 1, 39-45

25



O Senhor reúne continuamente o seu rebanho

26

O profeta Miqueias anuncia a Boa Nova que o Senhor lhe comunicou. De Belém há-de nascer aquele que reinará sobre Israel: um rei cuja origem remonta «aos tempos de outrora, aos dias mais antigos». É, portanto, um rei esperado, embora seja novo o seu reino. A sua vinda é o grande sinal de que Deus se lembra do seu povo e da sua aliança. Reúne-o graças ao Pastor que Ele mesmo envia ao seu rebanho para o conduzir «pelo nome glorioso do Senhor seu Deus». É a esperança que volta a ressurgir depois dum tempo de prova. Essa esperança fala-nos de reunião, de (re)encontro. Os tempos decisivos da nossa vida são também tempos de encontro. Deus, que nos fez à sua imagem, destinou-nos a sermos junto dele uma só família. Prometeu-nos, no encontro uns com os outros e com Ele, a mais autêntica felicidade. Para isso, é preciso que, animados pela perspectiva do encontro, saibamos voltar para o Senhor através da conversão. O encontro verdadeiro supõe sempre renúncia, disposição para sair de si e fazer frente às dificuldades que se apresentam para conseguir a unidade esperada, confiança decisiva em Deus e uns nos outros. Miqueias sabe que o encontro se realiza a partir duma decisão de voltar para Deus que é ao mesmo tempo um voltar para os seus irmãos: «Então voltará para os filhos de Israel o resto dos seus irmãos». O Pastor guarda o seu rebanho na unidade, convicto de que o Senhor que o chamou é também aquele que reúne continuamente o rebanho. É Ele que lhe traz a segurança e a paz através do pastor que confia ao rebanho: «Viver-se-á em segurança, porque ele será exaltado até aos confins da terra. Ele será a paz». As palavras do Senhor a Miqueias vão para além das expectativas imediatas. Elas supõem um tempo longo, tempo da ação de Deus, paciente e fiel; tempo

de amadurecimento até que desponte a novidade pois o Pai, no seu Filho Jesus, será ele mesmo Pastor do seu povo. Dos outros pastores, na medida da sua fidelidade a Deus, se poderá dizer que são construtores da paz. Só de Jesus se dirá que Ele é a paz. Ele é a meta da reunião, o caminho da unidade. Ele ensina-nos que a unidade passa por uma forma de obediência, de escuta. Mais do que os sacrifícios, conta o «Eis-me aqui». Jesus recapitula o «Eis-me aqui» de todos os servos de Deus. Ele traz na sua carne a marca da sua obediência: «Eu venho, ó Deus para fazer a tua vontade». Este é o único sacrifício da manhã, sacrifício que Maria aceitou ao responder ao anjo: «Eis a escrava do senhor, faça-se em mim, segundo a tua Palavra». A paz que Deus anuncia através do profeta Miqueias, resultante da reunião e do encontro entre os seus filhos, não é uma paz fácil, mas o fruto duma disponibilidade que crucifica e liberta ao mesmo tempo. É a paz pascal daquele que aprende a fazer a vontade de Deus. A reunião de todos os que caminham com Jesus, de todos os que fazem da sua vida um «sínodo», só é de verdade diálogo e partilha a partir desta conversão de vida para fazer a vontade de Deus. A consciência do chamamento de Deus bem como a resposta que somos chamados a dar-lhe são a razão de ser do nosso encontro e caminho conjunto: «A ação apostólica cumpre a vontade de Deus, criando comunidade, derrubando barreiras e promovendo o encontro» (Doc prep. Sínodo Bispos, nº 24).

A Palavra de Deus põe-nos a caminho

Para a mãe de Jesus, responder ao chamamento de Deus com todo o coração significa imediatamente pôr-se a caminho. A Palavra de Deus descentra-nos de nós mesmos e põe-nos a caminho. Faz de nós peregrinos,

isto é, mensageiros da Boa nova que ouvimos e pela qual nos deixámos transformar. Maria leva Jesus à sua prima Isabel. Ela transporta o Evangelho na sua própria carne e esta é a fonte da sua alegria. Fá-lo apressadamente. Esta pressa é diferente da pressa agitada dos nossos dias feita de ansiedade e de algum medo de falhar a meta proposta a si mesmo. Também não é a pressa de quem não sabe para que corre mas não pode deixar de correr de objetivo em objetivo. Pelo contrário, a sua pressa revela o desejo profundo de entregar, no encontro, Aquele que traz no seu seio, como os pastores caminhando à pressa até Belém ou o próprio Jesus chamando Zaqueu: «Desce depressa que eu hoje preciso ficar em tua casa». Sim, a pressa é a de partilhar a alegria do encontro com Jesus pela qual nos fazemos próximos uns dos outros, caminhando e dialogando para que o Evangelho se incorpore na comunidade e a reúna. Da partilha da Palavra nasce um dinamismo, um ardor que nos leva também a ser missionários. A gratidão que leva Isabel a exclamar, diante da saudação de Maria: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Donde me é dado que venha ter comigo a mãe do meu Senhor», faz ressoar a novidade da Páscoa de Jesus. Maria é na verdade, a mãe «do meu Senhor», nossa mãe. Ela é feliz na fé porque acreditou e imediatamente se tornou mensageira de «tudo quanto Ihe foi dito da parte do Senhor».

Neste tempo, vivemos a felicidade do encontro com o Senhor que faz de nós suas testemunhas? A nossa convivência é um encontro feito de atenção aos outros, generosidade e partilha sem preconceitos nem rivalidades? Vivemos este empenhamento de levar Jesus Cristo aos outros? Descobrimos nisso a fonte da nossa alegria? A Palavra de Deus

*20 de dezembro

Atentos para escutar os sinais de Deus como desafios à fé vivida na Igreja: **saber escutar.**

Primeira leitura – Is 7, 10-14

Salmo – 23 (24), 1-2. 3-4ab. 5-6

Evangelho – Lc 1, 26-38

2021

29



Uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão

A Virgem conceberá e dará à luz um filho

A primeira leitura da liturgia de hoje situa-nos no contexto da guerra siro-efraimita, no século VIII a.C.. Quando Acaz, rei de Judá, se vê pressionado pelos reinos vizinhos de Damasco e Samaria a formar parte duma coligação anti-assíria, que era a potência regional dominante naquele tempo, decide, pelo contrário, aliar-se com o Imperador da Assíria, ficando Jerusalém submetida a vassalagem.

Deus assiste pesaroso a estas movimentações, e indigna-se com a falta de fé e modo de proceder do rei Acaz. Mas apesar de estar contra o caminho trilhado pelo Seu povo, Deus não o abandona, e Ele próprio fará saber, através do profeta Isaías, que lhes oferecerá um sinal da Sua presença protectora: uma Virgem conceberá e dará à luz um filho que terá o nome significativo de “Deus conosco”. Esta palavra há-de encontrar a sua realização última na palavra do Anjo Gabriel a Maria, no Evangelho. Aquele que d’Ela vai nascer é o Messias prometido, o Descendente de David, Aquele que fora anunciado e prometido através de toda a história do povo de Deus, e sobre quem, finalmente, repousará o Espírito de Deus.

30

Igreja da escuta

Para nós, homens e mulheres pós-modernos do século XXI, é-nos difícil compreender a lógica de Deus. Estamos habituados a palavras como eficiência, imediatez, rapidez, concretização. Mas estamos pouco familiarizados com a palavra sinal. A nossa sociedade actual é pobre do ponto de vista da simbólica. Perdemos a sensibilidade ao símbolo e ao sinal, resulta-nos difícil decifrá-lo e compreendê-lo como uma expressão mais profunda da realidade. Os nossos olhos ficam-se pelo símbolo e

são incapazes de ir para além dele, de captar a realidade maior de que o símbolo é expressão e sinal.

Na reflexão que o Papa Francisco nos ofereceu por ocasião da inauguração do próximo Sínodo, deixou-nos bem claro o quanto este acontecimento eclesial é uma oportunidade para crescermos nesta sensibilidade:

“O Sínodo oferece-nos a oportunidade de nos tornarmos Igreja da escuta: fazer uma pausa dos nossos ritmos, controlar as nossas ânsias pastorais para pararmos a escutar. Escutar o Espírito na adoração e na oração. Como sentimos falta da oração de adoração hoje! Muitos perderam não só o hábito, mas também a noção do que significa adorar. Escutar os irmãos e as irmãs sobre as esperanças e as crises da fé nas diversas áreas do mundo, sobre as urgências de renovação da vida pastoral, sobre os sinais que provêm das realidades locais”.

E acrescenta: “O Espírito Santo é Aquele que nos guia para onde Deus quer, e não para onde nos levariam as nossas ideias e gostos pessoais”.

Precisamos com urgência de treinar esta capacidade de atenção, a capacidade de escuta dos sinais que provêm das realidades locais, daquilo que está a acontecer à nossa volta. É precisamente aí que Deus se faz presente. É precisamente aí que Deus está a falar. É precisamente aí que o Espírito Santo nos quer guiar e levar para onde Deus quer e não para as nossas ideias e gostos pessoais, para as nossas soluções e entendimentos por vezes tão parciais.

Neste advento, treinemos a nossa escuta. Neste advento, treinemos a adoração. Neste advento, captemos os sinais que Deus já nos está a dar.

***21 de dezembro**

O encontro renovado com Cristo, o "amado", nova Primavera para a Igreja: **discernimento e decisão.**

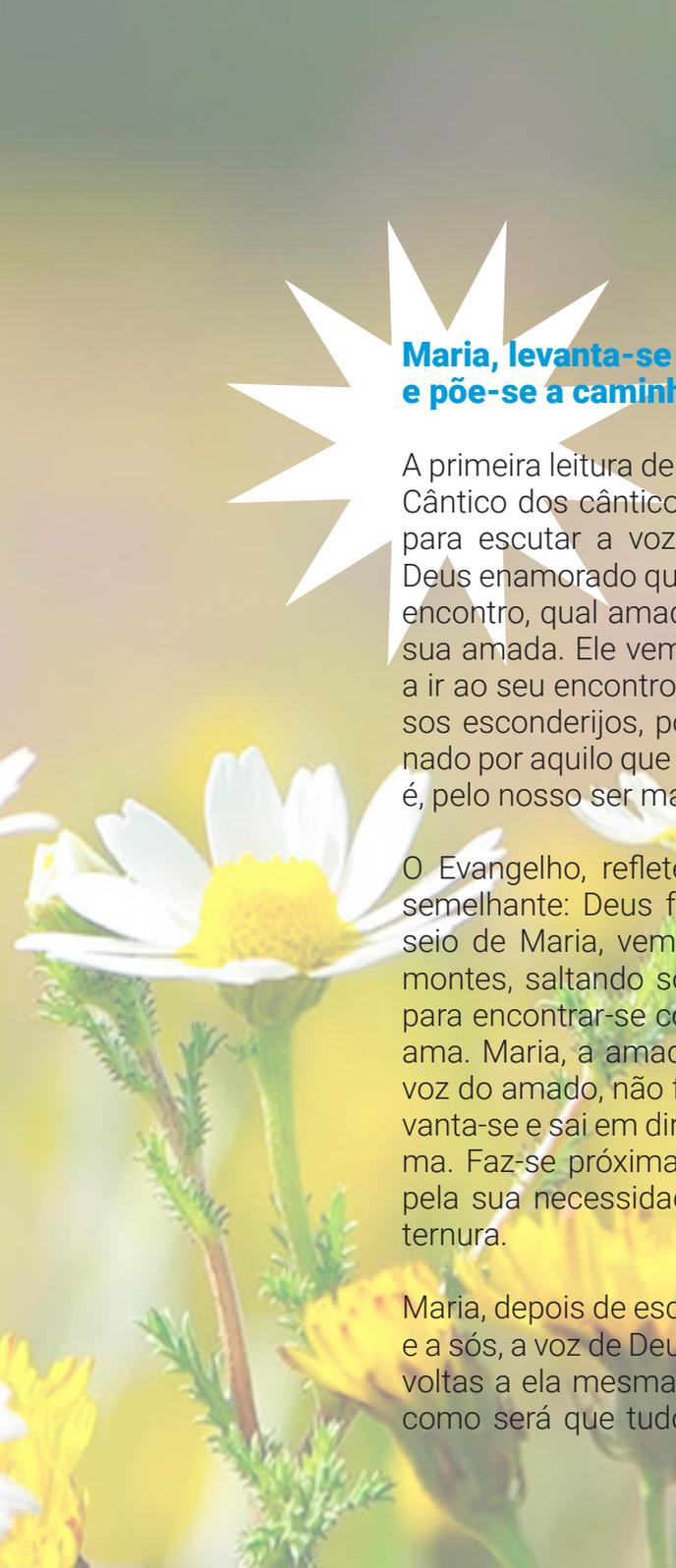
32

Primeira leitura - Cânt 2, 8-14 ou Sof 3, 14-18a

Salmo – 32 (33), 2-3. 11-12. 20-21

Evangelho – Lc 1, 39-45





Maria, levanta-se e põe-se a caminho

A primeira leitura de hoje, do livro do Cântico dos cânticos, desperta-nos para escutar a voz do amado, do Deus enamorado que vem ao nosso encontro, qual amado em busca da sua amada. Ele vem, e convida-nos a ir ao seu encontro, a sair dos nossos esconderijos, pois está apaixonado por aquilo que cada um de nós é, pelo nosso ser mais autêntico.

O Evangelho, reflete uma imagem semelhante: Deus feito homem no seio de Maria, vem transpondo os montes, saltando sobre as colinas, para encontrar-se com aqueles que ama. Maria, a amada que escuta a voz do amado, não fica igual. Ela levanta-se e sai em direção da sua prima. Faz-se próxima, deixa-se tocar pela sua necessidade e serve com ternura.

Maria, depois de escutar, no silêncio e a sós, a voz de Deus, não fica a dar voltas a ela mesma, nem a planear como será que tudo vai acontecer.

Maria, levanta-se e põe-se a caminho. Olha à sua volta, olha os seus, vê atentamente onde há uma necessidade, e põe-se a caminho. Não resolve os problemas todos do seu povo, mas começa pelos seus parentes, Zacarias e Isabel.

Maria não continuou a fazer o que estava habituada, o de sempre, mas arrisca um caminho novo, uma experiência de serviço diferente. E quando alguém arrisca a seguir a voz de Deus, do Seu amado, há uma primavera que começa a acontecer. Há alegria no ar, Isabel fica de coração cheio, há palavras de bênção que são pronunciadas...



Discernir a voz do amado que vem ao nosso encontro

“O Sínodo é um caminho de discernimento espiritual, de discernimento eclesial, que se faz na adoração, na oração, em contacto com a Palavra de Deus.” (Papa Francisco, homilia da Missa inaugural do Sínodo dos Bispos, 10 de outubro 2021).

É importante que neste tempo de Advento, cada um de nós, aprenda a discernir a voz do amado que vem ao nosso encontro! No meio de tantas vozes que escutamos e que nos indicam tantas direções, há uma voz que nos quer levantar e que quer fazer surgir uma nova Primavera, na nossa vida, na igreja, no mundo. Essa voz faz-nos dar conta do quanto somos apreciados e amados tal como somos, e só ela é capaz de nos fazer sair dos nossos esconderijos, detrás dos quais nos escondemos. A voz do Senhor faz-se ouvir de muitas maneiras, mas de forma especial através da Palavra, essencial para o discernimento daquilo que Deus quer.

Precisamos de aprender a discernir a que está apegado o nosso coração e o que nos impede de levantar, de ser Igreja da proximidade, da compaixão e da ternura (Cf. Papa Francisco, Discurso de abertura do sínodo dos bispos, 9 de outubro 2021).

O discernimento é também um processo de esvaziamento, de libertação do que é mundano, dos nossos fechamentos e dos nossos modelos pastorais repetitivos.

Que o Espírito Santo nos encontre disponíveis para seguir na direção que Deus quer.

Diz-nos o Papa Francisco: “O encontro e a escuta recíproca não são um fim em si mesmos, deixando as coisas como estão. Pelo contrário, quando entramos em diálogo, pomonos em questão, pomonos a caminho e, no fim, já não somos os mesmos de antes, mudamos.”

É preciso escutar e fazer algo com o que escutamos. Começar por algum lado, mesmo que seja pouco e pequeno, mas possível. Só assim começaremos a ver brotes de nova vida nas nossas casas, nas nossas comunidades e ambientes.

Deus quer trazer ar fresco e novo à sua Igreja. Nós temos o desafio de abrir-nos a essa novidade que o Espírito nos quiser sugerir. Por isso, invoquemo-lo de coração e deixemo-nos impulsar por Ele, como Maria.

36

Neste advento, “sejamos peregrinos enamorados do Evangelho, abertos às surpresas do Espírito Santo. Não percamos as ocasiões de graça do encontro, da escuta recíproca, do discernimento. Com a alegria de saber que, enquanto procuramos o Senhor, é Ele quem primeiro vem ao nosso encontro com o seu amor.” (Papa Francisco, homilia da Missa inaugural do Sínodo dos Bispos, 10 de outubro 2021).

Quando alguém arrisca a seguir a voz de Deus, do Seu amado, há uma primavera que começa a acontecer.

* 22 de dezembro

A oração que nos reúne, dispõe-nos para a escuta da Palavra e uns dos outros: Celebrar juntos para **caminhar com confiança.**

2021

Primeira leitura – 1 Samuel 1, 24-28
Salmo – Cântico de Ana, 1 Sam 2,1.4-8
Evangelho – Lucas 1, 46-56

37



Acolher a liberdade que vem de Deus

38

Como Nossa Senhora, depois da Anunciação, sai da sua casa para ir visitar a sua prima, também na leitura do livro de Samuel, Ana vai de viagem juntamente com o seu filho Samuel para consagrá-lo no Templo do Senhor. Ana era estéril e tinha prometido que se tivesse um filho, o havia de oferecer ao Senhor no Templo para que ele se consagrasse inteiramente ao seu serviço. A graça foi-lhe concedida e ela vai pela primeira vez ao Templo acompanhada pelo filho ainda criança para agradecer e oferecê-lo como um sacrifício. Dirige-se ao sacerdote Heli e conta a sua história, o desejo ardente da sua oração, o pedido dum filho e a promessa de que este seria inteiramente dedicado ao serviço do santuário. Samuel agora não é mais a pertença de sua mãe. O Senhor é o seu mestre e a sua herança. É grande a humildade de Ana que se mostra aqui capaz de cumprir o voto e coloca o amor a Deus acima do amor de mãe. Ela situa-se na linhagem de Abraão e de todos aqueles que, com a sua generosidade, põem Deus acima dos seus bens. Samuel pertence agora ao Senhor todos os dias da sua vida. A primeira leitura termina dizendo que a mãe e o filho adoraram o Senhor. Este era o início da missão de Samuel, chamado por Deus a ser profeta em Israel. Como mais tarde João Baptista, também Samuel recebeu a missão de chamar o povo de Israel a seguir com fidelidade e rectidão os caminhos da Aliança. Ana, sua mãe, é como a precursora dessa missão pela sua generosidade e dedicação em oferecer o seu filho. É

"Maria pôs-se a caminho"

Para adorar com verdade, há que sair de si mesmo, deixar as formas egoístas de apego às coisas

a mãe que introduz o filho no caminho da total doação a Deus. Esse é o testemunho concreto da sua adoração. Não é apenas uma palavra, mas um gesto de dom. Samuel será sempre o seu filho e agora mais do que nunca porque ele foi consagrado ao Senhor.

Adorar a Deus é uma forma de amá-lo. A adoração é sempre um caminho de Páscoa porque, para adorar com verdade, há que sair de si mesmo, deixar as formas egoístas de apego às coisas, aprender a libertar-se da tirania do ter e a acolher a liberdade que vem de Deus e do seu amor.

Escutar a Deus "até ouvir com Ele o grito do povo"

39

Hoje as famílias cristãs podem aprender com o exemplo de Ana e Samuel a educar na fé. Ensinar aos filhos a oração é rezar com eles em casa, vir com eles à Eucaristia do Domingo, dar-lhes o exemplo duma vida recta, generosa e dedicada aos outros. Este testemunho é mais necessário do que a abundância de coisas que os pais dão aos filhos. Aquele que adora a Deus com verdade aprende a amar como Deus ama, desprende-se de si mesmo, sabe perdoar e vai ao encontro dos outros, na educação da família e na vida social. O que entregamos a Deus reverte para bem de nós próprios. Como dizia S. Ireneu, a nossa oração não acrescenta nada a Deus, mas ensina-nos a gratidão e torna-nos mais humanos. Aproxima-nos e une-nos.

Como Ana, mãe de Samuel, Nossa Senhora também sente grande alegria porque o Senhor veio ao encontro do seu povo: «A minha alma glorifica o Senhor». O serviço é a fonte da sua alegria. Por isso, todas as ger-



40

ações não-de proclamá-la bem-aventurada. S. Lucas quis exprimir a gratidão de todos os crentes pelo sim generoso da mãe do salvador. O cântico de Maria é na verdade um hino que convém a cada cristão e mais ainda à Igreja na sua totalidade. Deus mostra assim a sua misericórdia com o seu povo, libertando-o da soberba e de todas as injustiças. A prioridade é dada aos humildes, aos humilhados e aos oprimidos. Esta linguagem, embora com raízes no Antigo Testamento, revela a vinda do Reino de Deus em Jesus. É já um anúncio das bem-aventuranças do sermão sobre a montanha. No Magnificat de Maria resume-se o cântico de louvor dos grandes eleitos do Antigo Testamento e ao mesmo tempo é revelada a novidade do agir de Deus. Maria retoma a visão do mundo que a sabedoria transmite ao povo de Israel. Ela é a ilustração da sabedoria feminina que começa pela confiança no amor do Senhor por aqueles que o temem. Ela é a filha de Sião na qual se dá a passagem das Escrituras, com o seu anúncio duma Aliança definitiva, Àquele que é a sua fonte e razão de ser, a Palavra de Deus que se faz homem em

Jesus para revelar duma forma definitiva o amor de Deus por cada homem.

Nossa Senhora está atenta às necessidades do seu povo. Ela é a mãe solícita que percebe os sinais da vinda do Senhor. O seu louvor é ao mesmo tempo compromisso com a justiça e desejo duma maior humanidade entre todos. Ela percebeu que não se pode adorar a Deus sem deixar-se afetar por todo aquele que sofre, sem se aproximar dele com compaixão como Jesus, sem trabalhar para que todos tenham o necessário e justo para viver. Quem ama a Deus com verdade e o adora como Ana e Maria não cruza os braços nem se enche apenas de boas intenções. Vai antes ao encontro dos outros para lhes oferecer Jesus Cristo no qual nos tornamos filhos de Deus. Quem adora a Deus reconhece a dignidade única de cada pessoa e aprende a ver nele a própria face de Jesus.

A oração de Ana e de Maria está no centro do nosso caminhar juntos. Sem ela não pode existir verdadeiro discernimento. Aprendemos a escutar quando nos dispomos a rezar. Como diz o Papa Francisco, trata-se de escutar a Deus «até ouvir com Ele o grito do povo». Por sua vez, há que escutar «o povo, até respirar nele a vontade a que Deus nos chama». Compreendemos de verdade, que o nosso caminhar juntos começa com a escuta da oração que nos leva a olhar o mundo com confiança e a ver nele os sinais do Espírito como desafios a apresentar o Evangelho a todos?

**Quem adora a Deus reconhece a
dignidade única de cada pessoa**

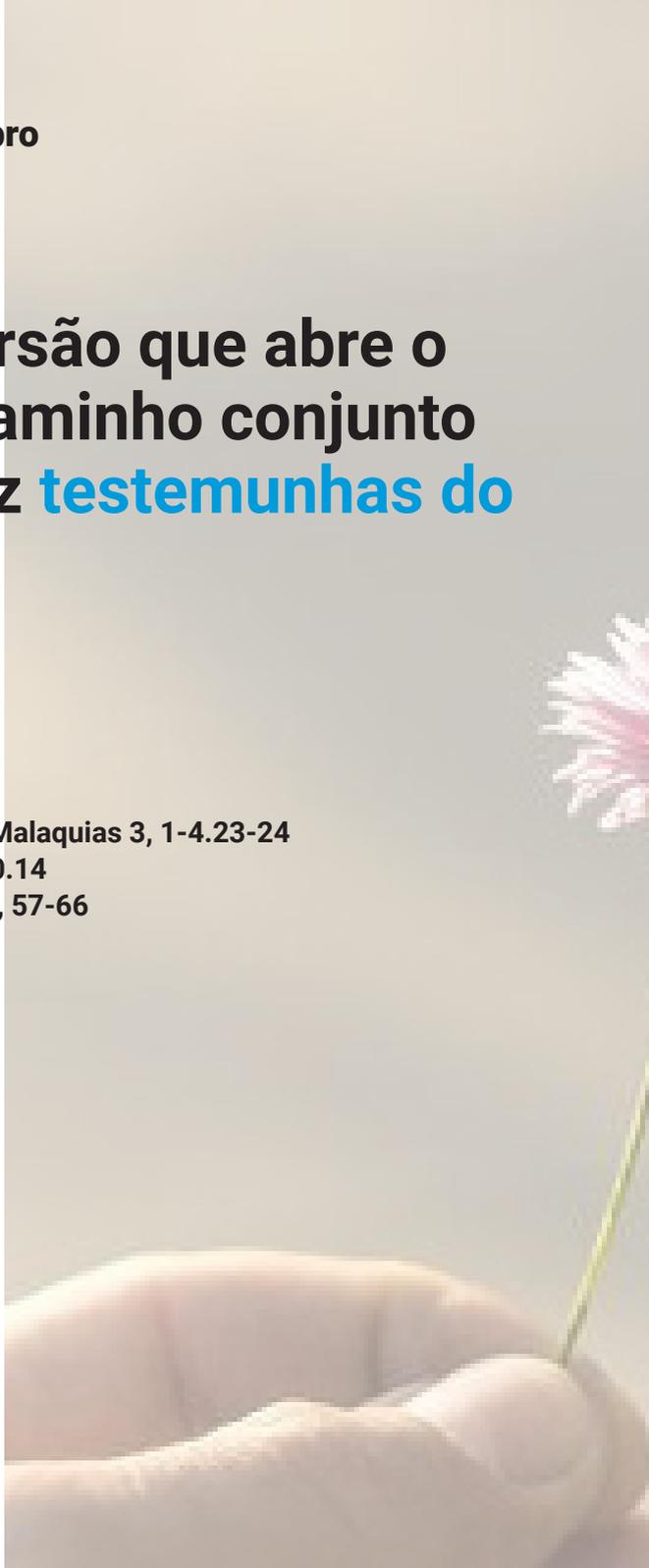
***23 de dezembro**

A conversão que abre o nosso caminho conjunto e nos faz **testemunhas do perdão.**

42

**Primeira leitura – Malaquias 3, 1-4.23-24
Salmo 24, 4-5.8-10.14
Evangelho Lucas 1, 57-66**

"Maria pôs-se a caminho"





A casa de Deus é casa de oração e de justiça

Na história bíblica, quando o mundo parece envelhecer, porque os homens acabam por afastar-se do culto verdadeiro, da justiça e da prática da verdade, então é que, mais do que nunca, Deus prepara o tempo da sua vinda. Quando a situação do mundo traz sinais de decadência é o próprio Deus que intervém enviando o seu messias. É assim que a vinda de Cristo, como diziam os antigos, é como um poente e como uma aurora. Quando envelhece a figura deste mundo, nasce o Emanuel.

O mesmo acontece no tempo em que Malaquias escreve. Porque as expectativas postas nos reis de Israel e no Templo de Jerusalém conduziram a uma grande desilusão, então é tempo que Deus intervenha. O Profeta, que escreve por volta do séc. V a. c., espera que o Senhor venha restaurar o seu Templo. Não basta ter o templo construído, é preciso habitá-lo e para isso contam aqueles que, com os sacri-

fícios, apresentam ao Senhor um coração humilhado e contrito. O profeta sabe que o verdadeiro sacrifício é sempre o coração purificado pelas obras da justiça, pela sinceridade da oração, pelo acolhimento da bondade de Deus através da fé.

O mensageiro divino, o Messias, entra no Templo para o purificar. É como se o próprio Deus entrasse no Templo. Esse dia decisivo em que Deus reconstrói por dentro a sua casa é um dia de conversão, de transformação interior. Será como o fogo do fundidor que serve para transformar e consolidar todas as coisas. Será também como a lixívia dos lavandeiros porque há-de lavar de todo o pecado. Os primeiros a serem purificados são os filhos de Levi, isto é, a classe sacerdotal. A restauração começa por aqueles que são encarregados do culto e que devem ser para o povo de Israel modelos na prática da Aliança. A sua oferenda será então apresentada segundo a justiça. O profeta refere-se a uma restauração do culto do Templo muito semelhante àquela atitude de Jesus no momento em que expulsa os vendedores no templo. A casa de Deus deve ser uma casa de oração e de justiça. Então a oferenda do povo de Israel será agradável ao Senhor, como nos tempos da Aliança com Moisés. Deus prefere a conversão aos sacrifícios. Sem conversão não há sacrifício verdadeiro.

O profeta Malaquias anuncia da parte de Deus a vinda do profeta Elias. Para restaurar a sua Aliança, Deus não envia um sacerdote mas um profeta. Este profeta anunciará o dia da vinda do Senhor. Ele não oferecerá sacrifícios no templo, mas há-de oferecer o sacrifício que Deus quer reconduzindo, como diz Malaquias, «o coração dos pais a seus filhos e o coração dos filhos a seus pais». O grande sacrifício que Deus deseja é finalmente o da



unidade e da paz através da reconciliação entre todos. Para muitas famílias neste Natal, a paz passa pela reconciliação. Aprendamos a perdoar, a reconhecer com humildade os erros para receber de Deus a paz. Então ele virá ao seu templo que é o nosso coração.

"Bendito seja o Senhor Deus de Israel"

S. Lucas, no Evangelho, diz-nos que Deus realiza as suas promessas enviando o seu mensageiro. Não é Elias mas João Baptista: Naquele tempo, chegou a altura de Isabel ser mãe e deu à luz um filho. No momento em que deviam apresentar o filho no templo, a mãe recusa dar o nome do pai à criança e propõe um nome que não se encontrava na tradição da família: João. Não é tanto o significado do nome que interessa aqui, mas o facto de que a mãe não tenha combinado com o pai o nome do filho. Na verdade, sem ter ouvido esta sugestão de Isabel, Zacarias responde da mesma forma que a sua mulher: João –diz ele –

será o seu nome. Assim, ele obedece à palavra do anjo e nesse preciso momento recupera a fala, como lhe tinha sido anunciado, dando graças a Deus. O que aconteceu no Templo é destinado a ser proclamado a todo o povo. Toda a Judeia soube destes acontecimentos e aqueles que os ouviram guardaram-nos no seu coração. Começa então o hino de Louvor de Zacarias que é ao mesmo tempo a grande profecia de anúncio do Messias: «Bendito seja o Senhor Deus de Israel que visitou e redimiu o seu povo».

46

Todos os que ouviam contar estes factos guardavam-nos no seu coração. Estas palavras de S. Lucas, indicam a finalidade do texto do Evangelho que ouvimos. Guardar no coração significa acreditar, esperar e amar o Messias que há-de vir. Guardar no coração significa também meditar, assimilar, passar para a vida a promessa que se anuncia do nascimento do Salvador.

Para nos prepararmos para o próximo sínodo, somos chamados a uma «conversão sinodal». Não é mais uma ao lado de outras, mas aquela que se manifesta na nossa conversão ao Evangelho de Jesus. Aceitamos o apelo à conversão como sinal para uma maior comunhão na Igreja? Que lugar tem para nós o sacramento da reconciliação no nosso caminho de Igreja?

"Maria pôs-se a caminho"

**Aprendamos a perdoar, a reconhecer
com humildade os erros para receber de
Deus a paz.**



Composição Gráfica : Jornal da Madeira | 2021
Fotografia da capa: Imagem de Nossa Senhora do Parto da paróquia de
Santa Cruz | Duarte Gomes

